



# Página Cultural

Publicações • Temas • Ilustrações • Textos

Ano VIII - Número 84 • Periodicidade: Última 4.ª feira do mês  
Coordenação de: João Reis Ribeiro

## Editorial

O concurso “Os Grandes Portugueses”, que a RTP está a promover, vale o que vale. Todos poderíamos ter votado. Mais: todos poderíamos ter votado numa qualquer figura da nossa rua, do nosso bairro, da nossa família, dos nossos amigos. Em última instância, cada qual poderia votar em si mesmo. É por isso que vale o que valem todos os outros concursos que legitimam o voto pelo telefone.

Quando ainda se estava a construir a lista dos 100 mais votados, a questão era em torno de Salazar - odiado por uns, amado por outros, devia Oliveira Salazar constar na lista? Certo foi que constou. E não só constou como ficou entre os dez mais votados, os mesmos que estarão a votos até Março pelo mesmo sistema da chamada telefónica.

Paradoxo da modernidade: um nome de um tempo em que as eleições eram altamente condicionadas está agora num processo eleitoral, ao lado de personalidades que ajudou a venerar e de outras que o seu regime detestou, todas elas podendo vir a ser a “maior” das “grandes”...

Nesta corrida entrou também Bocage, que ficou pela 78ª posição. Nada mau, sobretudo se pensarmos em tantos que foram esquecidos ou que podiam lá estar! Nada mau, se pensarmos que algumas das personalidades votadas possuem a seu favor o espaço da efemeridade e a sua grandeza advém das modas e do imediato consumo! Nada mau, se pensarmos que não faltam na listagem os grandes clássicos! E Bocage é um clássico!

Gostemos ou não do leque de nomes que povoam esta lista, certo é que devemos manifestar o nosso contentamento pela presença nela da mais ilustre personalidade de Setúbal, que foi também o mais importante poeta português do século XVIII!

JRR

## JORNADAS DE HISTÓRIA LOCAL

O Centro de Estudos Bocageanos tem em preparação umas jornadas de história local, que irão acontecer em Março. As comunicações versarão a região de Setúbal, numa viagem pelo tempo, desde a Pré-História até ao século XX, havendo já alguns oradores confirmados.

Oportunamente será feita a divulgação do programa, que se concretizará nos dias 10 e 17 de Março.

# BOCAGE ENTRE A MEMÓRIA E O ESQUECIMENTO

Bocage e a sua obra continuam a ser referência para muitos autores que ora o invocam, ora o citam, ora o discutem. Apresentamos dois casos recentemente invocados: o do poeta português Cristino Cortes, através da crítica literária de José Fernando Tavares, e o do poeta brasileiro José Alcides Pinto, a propósito de uma entrevista. Mas, por outro lado, o mesmo Bocage confronta-se também com o esquecimento...

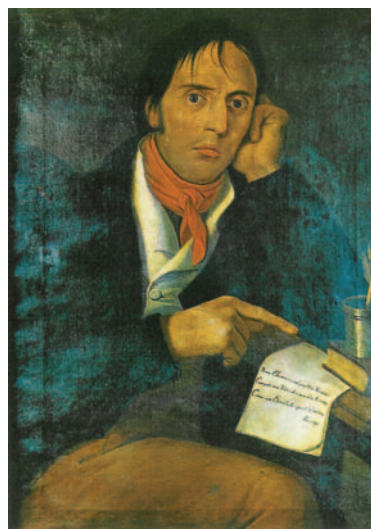
O livro *Cronologia e Outros Poemas*, de Cristino Cortes, editado em 2005, foi motivo de um ensaio crítico publicado no *Diário dos Açores*, de 25 de Janeiro, em que José Fernando Tavares situou os sonetos de Cristino Cortes entre a “ironia cáustica” e o “cinismo poético”.

Exemplo elucidativo dessas orientações é aquele que o crítico aponta, a propósito de referências feitas por Cortes a Bocage: “São de referir também as alusões que o sujeito poético faz às figuras de Camões e de Bocage, reveladoras de profundo respeito e quase veneração. Acrescente-se, no entanto, uma interpretação pouco canónica, e seguramente pouco respeitadora, para o conhecido poema «Já Bocage não sou...». Segundo Cristino Cortes tal desabafo dever-se-ia a um fatal ataque de impotência sexual. Seria? Não seria? Bocage morreu com quarenta anos e, de alguma forma, segundo Cristino Cortes os deuses deram-lhe com uma mão (a supre-

ma realização artística a que presta homenagem) o que lhe tiraram com a outra. No entender do autor, o saldo foi positivo.” Uma das passagens a que Fernando Tavares se referirá consta no soneto de Cortes intitulado “Hodierna Lamentação de Bocage (I)”, em que constam os seguintes versos: “(...) E escreveu a súplica da sua poética, o tão mal conhecido / Já Bocage não sou, sob a capa da política ou religião / Escondendo aquela elevatória incapacidade, não / Dava mais o que tanto já dera, estava o homem destruído. / Com certa ironia, e geral gozação, passou a ser essa / A imagem do poeta, novo Aretino, e tão bem lhe soubera”.

Cristino Cortes, nascido em Trancoso, em 1953, é ainda autor de *Ciclo do Amanhecer* (1985), *33 Sonetos de Amor e Circunstância* (1987), *Ciclo da Casa e Outros Poemas* (1991), *Nas Margens do Hades* (1993), *Em Lisboa, Pelo Natal...* (1995) e *Poemas de Amor e Melodia* (1999).

Na edição de 18 de Janeiro do jornal *Diário do Nordeste*, de Fortaleza, o poeta José Alcides Pinto, cearense nascido em 1923, confessava em entrevista a sua admiração pelo poeta setubalense do século XVIII. Ao perguntarem-lhe se renegava algumas das suas obras, respondeu reconhecer tudo o que havia escrito, apesar de não publicar obras que não apreciasse. A referência a Bocage surge ao dizer, a propósito de ter rasgado alguns



Bocage, por Henrique José da Silva (1805)

textos seus: “Enquanto metáfora poética, a fúria é diferente. Mas esta decisão é algo pessoal, para a posteridade, igual a Bocage e Gregório de Matos”. Ao longo desta entrevista, o poeta citou ainda autores com os quais se encontra em confluência como Rimbaud, Lautréamont e Camus. “Minha obra é imaculada, embora meu corpo...”, explicou Alcides Pinto ao jornalista para defender a distância entre a obra literária e a vida real, muito embora reconhecendo que a escrita tem muito dessa vida real.

Alcides Pinto, considerado hoje um poeta cuja obra se despojou do supérfluo, é autor de títulos como *Noções de Poesia e Arte* (1952), *Cenas* (1965), *Os Verdes Abutres da Colina* (1974) e *As Tágides* (2001). Em 2007, foram já publicados *Poemas Escolhidos - II* e *Diário de Sabedoria*, tendo a entrevista sido publicada a propósito do lançamento destas obras.

Entretanto, o nome de Bocage andou também pelas zonas do esquecimento, conforme viu Sérgio Almeida, em artigo que publicou no *Jornal de Notícias*, em 28 de Janeiro, ao comentar o livro “Arte e Plenitude”, editado por ocasião do 25º aniversário do BPI. Com essa obra, pretendeu-se “escolher as obras que mais marcaram a arte portuguesa intemporal”, tarefa cometida a meia centena de personalidades da cultura portuguesa do século XX. Na área da poesia, foram presentes nomes como os de António Nobre, Sá de Miranda, Camões ou Pessoa, facto nada de estranhar, como, de resto, foi o do aparecimento de outros clássicos. Mas Sérgio de Almeida regista também alguns vazios: “O esquecimento de poetas como Bocage e Almeida Garrett ou o reduzido peso dos autores do século XX, período que já foi catalogado de século XX da poesia portuguesa, são os principais elementos a reter da selecção.” Afinal, Bocage nem sempre está presente nas listas...

## BOCAGE EM ANTOLOGIA SOBRE A MÃE

Uma antologia intitulada *A Mãe na Poesia Portuguesa* foi editada pelo diário *Público* no início de Dezembro, organizada pelo poeta Albano Martins.

Rapidamente esgotada, a obra está de novo à venda e inclui textos de 152 poetas, numa viagem cronológica pela poesia portuguesa, desde o século XIII (com autores da lírica galego-portuguesa como Aires Corpancho, Rodriguez de Calheiros, Joan Servando, Fernandes Torneol, João Zorro, Aires de Santiago e Pêro Meogo) até ao século XX (sendo o mais novo autor Jorge Reis-Sá, nascido em 1977). Neste percurso, há ainda lugar para quadras sobre a mãe, recolhidas no cancionário popular.

Bocage consta também na lista, com

três poemas - o soneto “Liberdade querida e suspirada” e os poemas “A Saudade Materna” e “À Puríssima Conceição de Nossa Senhora”. Entre os contemporâneos de Bocage figuram os nomes de Nicolau Tolentino (um soneto) e da Marquesa de Alorna (dois sonetos).

De acordo com o organizador da antologia, esta obra apresenta textos “que contemplam os diferentes sentidos implicados na palavra *mãe*, subentendidos nos seguintes enunciados: a Mãe de Deus, a mãe dos homens, as outras mães, a mãe como metáfora, a mãe no cancionário popular português.” No prefácio, Albano Martins refere que “não são raros os exemplos em que a mãe é a grande metáfora”, inserindo nessa imagem o

caso da liberdade na obra de Bocage.

Refira-se que o último poeta antologado, Jorge Reis-Sá, foi o vencedor do “Prémio Literário Manuel Maria Barbosa du Bocage” instituído pela Liga dos Amigos de Setúbal e Azeitão (LASA), na modalidade de poesia, na sua sexta edição, em 2004, com o tra-

balho *Por Ser Preciso*.

Poeta e tradutor, Albano Martins nasceu em 1930, no Fundão, e é autor de *Secura Verde* (1950), *Coração de Bússola* (1967), *Inconcretos Domínios* (1980), *Sob os Limos* (1986) e *O Espaço Partilhado* (1998), entre muitos outros títulos.

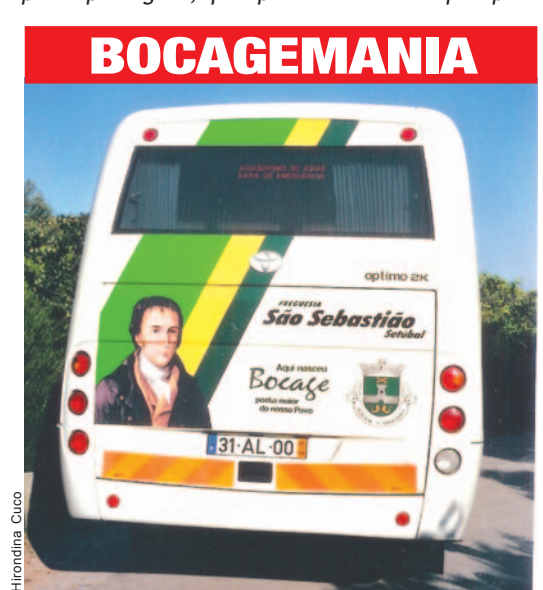
## BOCAGE ENTRE OS 100 MAIS

Ao longo de vários meses, a RTP tem levado a cabo o concurso “Os Grandes Portugueses”, que passou já pela fase de escolha dos “100 mais”, cujos dez primeiros nomes estão agora em votação para se saber qual foi o mais importante dos grandes portugueses seleccionados.

Entre os cem mais votados, houve lugar para uma dezena e meia de escritores, aí constando o nome de Bocage, que ficou na 78ª posição. No sítio da Internet da RTP, a apresentação de Bocage está feita nos seguintes termos: “É um dos mais importantes poetas portugueses. Homem sedento de vida, Bocage era satírico, erótico, arrebatador. Entre botequins, irreverências e sarcasmo, criou múltiplas inimidades. Vagueou num tempo de mudança - ele próprio viveu em permanente inconstância de desejosos e afectos. É um emblema de um certo espírito português, quer pela criatividade quer pelo

improvisado, sublinha o escritor Fernando Pinto do Amaral.”

Na ficha biográfica sobre o poeta setubalense elaborada pela RTP, consta ainda a opinião de Odete Santos, que considerou ser Bocage “uma alma sem mundo, um poeta mal-dito, a quem ainda não foi reconhecido o devido valor.” Depois de traçar um rápido percurso biográfico sobre o poeta, a nota conclui dizendo que “Bocage foi, toda a vida, uma espécie de namorado das letras que confesso que viveu - e como!”



Hirondina Cuco